

**Cultura Juvenil, Violência E Consumo:
Representações Midiáticas E Percepção De Si Em Contextos Extremos**

Profa Dra Rose de Melo Rocha¹

Profa Dra Josimey Costa da Silva²

Interessa-nos neste artigo analisar algumas interfaces estabelecidas entre representações midiáticas, contextos urbanos brasileiros e auto-percepção juvenil. Dois eixos conceituais e dois cenários comunicacionais particulares se agregam na argumentação aqui desenvolvida. Em termos teóricos, propõe-se, como primeiro eixo, a adoção da ferramenta analítica que se denomina “fabricação cultural juvenil”. Esta noção comporta não propriamente a perspectiva do envolvimento juvenil na criação de produtos culturais. Antes, dela nos utilizamos como recurso para compreender como, a partir do consumo e da ressignificação de representações midiáticas e das experimentações desencadeadas por vivências urbanas, articula-se, para segmentos juvenis brasileiros, processos de formação de imaginários, a constituição de comportamentos e, efetivamente, a cristalização de dinâmicas de auto-percepção e afirmação de si.

O segundo corte teórico é oferecido pela concepção de que mídia e sociedade não constituem universos estanques, nem respondem a dinâmicas dicotômicas de sobre-determinação. Antes, se propõe que devem ser analisadas desde a configuração de importantes relações de interação, simbiose que comporta tanto uma lógica especular, quanto efetivamente reitera a existência de negociações de sentido e de constantes disputas no engendramento e legitimação dos processos e políticas de significação.

Corroborando uma perspectiva comparativa, consideram-se dois cenários comunicacionais extremos para a investigação e apresentação de modos de agir partilhados e de percepções de si: um que reflete a representação e o consumo midiático como fundamentais para a instituição subjetiva de liames culturais e para a vinculação afetiva e gregária – constituído

¹ Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, com pós-doutorado em Ciências Sociais/Antropologia pela PUCSP, é professora e pesquisadora do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, onde desenvolve a pesquisa “Imagens limiars e visibilidades juvenis: por uma imagética do consumo”. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, participa da pesquisa internacional “Jovens Urbanos”. Tem várias publicações e ativa participação em congressos da área. É parecerista de revistas nacionais e internacionais e consultora de agências de fomento.

² Doutora em Ciências Sociais pela PUCSP, é docente pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e no Curso de Comunicação Social, além de membro dos Grupo de Pesquisas Gemini – Análise e Pesquisa em Cultura, Processos e Produtos Midiáticos, GRECOM – Grupo de Pesquisas da Complexidade e CISC – Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Tem diversos artigos e capítulos de livros publicados, além de co-organização do livro “Complexidade à flor da pele: ensaios sobre ciência, cultura e comunicação” (Sulinas, 2003) e da autoria, com parceiros, do livro “Brasil em tela. Revolta e incivildades contemporâneas” (no prelo para 2008 pela Editora Sulina).

desde a observação de jovens natalenses; e outro que, contrária e complementarmente, dispõe sobre o efeito disruptivo e socializador da incorporação da violência como potente articulador material e simbólico do comportamento, das narrativas e das visualidades juvenis – referente a jovens paulistanos.

A perspectiva pendular também está estruturada em torno de um universo empírico de caráter multimetodológico, articulado a um campo reflexivo e epistemológico desde o qual se pensa a fabricação cultural juvenil a partir de práticas, estruturas e processos comunicacionais/midiáticos perpassados pela experimentação da violência em contextos metropolitanos, constituindo regimes de ordem afetual, discursiva e cultural; e a etnografias do consumo, desde as quais se percebem, a partir de estudo de caso específico em uma cidade de porte médio, as conflituosas e profícuas relações entre mídia, consumo, corpo, percepção e afirmação de si.

Outra preocupação de igual peso é investigar a demarcação que a cultura e as redes midiáticas imprimem às práticas de subjetivação, sobretudo no modo como são percebidos, apropriados e narrados seus impactos por parte dos próprios jovens. Estes, assim, transformam e ressignificam estas narrativas exógenas – as representações midiáticas, por exemplo – e as incorporam em estratégias discursivas de afirmação de si e, muito fortemente, de discriminação de alteridades.

Dialogicamente, as duas trajetórias reflexivas pretendem contribuir para a análise dos complexos fluxos comunicacionais articulados, junto aos jovens, por dinâmicas midiáticas, desde as quais se apresentam, de modo contrastante, perspectivas de inclusão material e simbólica e, por outro lado, evidenciam-se tensionamentos profundos, reveladores de processos de exclusão sócio-cultural, afirmação de subjetividades limítrofes e por vezes desviantes.

Violências, midiatizações e vivências juvenis³

Caminharemos neste tópico do artigo por um terreno minado. Será exposta, posteriormente, através da realidade investigada em uma cidade litorânea do nordeste brasileiro, como as dinâmicas de consumo, simbólico e midiático, indicam a composição de um forte quadro de vinculação social e o estabelecimento de liames comunicacionais que não confrontam mediações como o grupo de amigos e, o que é significativo, como a base familiar.

³ Este tópico retoma reflexões apresentadas por Rose de Melo Rocha na conferência “Estetización de la violencia, auto-percepción juvenil y representaciones de los jóvenes en Brasil” (Santiago, abril de 2008).

Reiterando o conceito de fabricação cultural, e percebendo-o em toda a sua pluralidade, o que agora se propõe é a caracterização de uma realidade limítrofe. Tomando por referência dinâmicas comportamentais e produções imaginárias fundadas em duas metrópoles do sudeste do país – São Paulo, em especial, Rio de Janeiro, mais pontualmente – nos interessa problematizar algumas experiências de fratura de laços simbólicos e de sociabilidades coletivamente partilhadas. E não o fazemos de modo aleatório.

A recorrente associação entre juventude e violência constitui um imperativo na análise crítica das relações entre cultura juvenil e ambiência midiática no Brasil. Se, na cena digital, dos *blogs* aos *fotologs*, dos sites às comunidades virtuais, pode-se confirmar o protagonismo juvenil na afirmação de si e, igualmente, na construção do outro, a cena massiva tende, hegemonicamente, à construção de representações dicotômicas – a juventude idealizada de um lado, a juventude perversa de outro. Lógica paradoxal, vê-se aí se efetivar um imaginário esquizofrênico: a glorificação do ser jovem convive com a demonização de setores e agrupamentos juvenis.

Fazendo um breve recorrido histórico, localiza-se em meados da década de oitenta a configuração de uma nova gramática na ocorrência e percepção dos fenômenos de violência em nosso país. Cartografando esta imagética da insegurança e esta *imagerie* do pânico – pânico de envelhecer, pânico de ser vitimizado por segmentos juvenis – identifica-se em sua tessitura um forte caráter comunicacional, evidenciando modos bastante originais e preocupantes de aparecimento e de repercussão da violência. Articulando fatores como aquisição de reconhecimento sócio-cultural e midiático, apelo à afirmação identitária e oferecendo ferramentas para a percepção de si e do outro, indicava ainda a consolidação de uma complexa política de visibilidade.

Este novo regime de ordenação visual e social da violência coincide, no caso brasileiro, com a crescente e intensiva atribuição a segmentos juvenis urbanos – primordialmente os pobres, negros e marginais, mas também, como alarmantes exceções, os ricos, brancos e rebeldes – de uma suposta condição de protagonistas na prática de atos de violência. A este protagonismo é imputado, invariavelmente, um caráter criminal ou desviante, ao qual se associam potentes sentimentos de insegurança, alarme e pânico.

Para problematizar tais fenômenos e de modo a enfrentar a clara supervalorização e vinculação geracional que a eles se vem atribuindo, com a participação intensa e ostensiva de veículos da imprensa massiva brasileira, recorreremos a alguns aportes conceituais que nos parecem necessários para abordar, desde o ponto de vista das teorias da comunicação, tais

complexidades comunicativas. Adotaremos aqui a conceituação “estetização da violência” procurando perceber como isto se configura no contexto nacional, mas também considerando que se trata de fenômenos e de representações fundadas no cruzamento com fluxos globais, característicos das sociedades midiáticas, visuais e discursivas.

Interessa-nos ainda propor que esta estetização da violência interfere na vivência juvenil, tanto na produção e percepção de si, quanto na elaboração de estratégias de reconhecimento ou recusa de alteridades. Estão incluídas como derivações deste eixo reflexivo as significativas apropriações juvenis da linguagem da violência no Brasil, seja adotando-a como referente comportamental, seja para frontalmente rechaçá-la.

Mas existem outros componentes relevantes para a compreensão da pluralidade desse cenário. Efetivamente, a possibilidade de obter visibilidade midiática passou a compor, com expressiva regularidade, a estruturação de episódios de violência criminal. Em sentido complementar, a existência de aparatos de televigilância passa a regular a ação criminal e, em alguns casos, até mesmo as intervenções policiais e as ações punitivas encampadas por cidadãos comuns. A estetização dos atos de violência é outro elemento relevante a ser considerado, seja ao analisarmos a violência em seu acontecer social, seja quando interpretamos sua apropriação pelos meios massivos e por uma miríade de produtos e produções culturais.

A estetização da violência apresenta-se tanto em termos de interações com a tessitura social, quanto na interseção com o próprio estatuto das imagens. Seus efeitos não se restringem a um, digamos, consumo local. A “carnavalização” – percepção corrente e reiterado estigma frequentemente associado ao Brasil – passa a conviver com o imaginário do “lugar perigoso”, alimentado pela propagação indiscriminada e espetacular de cenas de violências.

Assim, notamos que no universo da comunicação generalizada a experimentação concreta da violência encontra o outro lado da moeda na superexposição brutal aos mais diversos níveis de violência sgnica. Uma das peculiaridades da violência contemporânea é sua excessiva visualização, que nos informa do mundo através do "ouvir ver", podendo configurar verdadeiras patologias audiovisuais, sádicos voyeurismos capazes de agregar prazer e desresponsabilização. Em outro de seus desdobramentos ela é, ainda, tipicamente exibicionista: literalmente se dá a ver, violência instrumentalizada, publicitária.

O conceito de *mediatização* nos serve aqui para compreender a imbricação da violência manifestada direta e ostensiva na vida cotidiana⁴ à sua dimensão subjetiva, indireta⁵. Na interseção entre o material e o simbólico, a violência manifesta-se como forma de ser, de se comunicar, de apreender e de interpretar tanto o mundo vivido quanto o desejado e idealizado. Abordando aspectos da articulação entre cultura e violência nas metrópoles brasileiras, investiga-se, como pista analítica central, a noção “linguagem da violência”. Que linguagem é essa? Pode-se localizá-la na violência assumindo um caráter pedagógico. A linguagem da violência é uma comunicação potente, explosiva. Catalizando uma consciência limítrofe e uma vivência emergencial referenda-se na suposição de que nada há, de fato, a se esperar do amanhã.

A comunicação massiva hegemônica oferece como alternativa a essa desintegração um vínculo imaterial, uma coesão apenas suposta, credível, mas, de fato, frágil em seu valor simbólico. São preocupantes os efeitos desta vinculação midiática quando voltada à tematização e visibilização da violência. Afinal, ambas encontram um terreno pernicioso de florescimento ao serem absorvidas no cotidiano urbano, particularmente ao levar-se em consideração contextos macro-sociais.

A estetização da violência também se faz presente no universo das mídias digitais, caracterizadas como participantes de uma cultura propriamente midiática, de divulgação maciça e concepção segmentarizada. Diversas matérias publicadas em periódicos nacionais exploram esta manifestação, assumindo um tom que agrega a denúncia dos episódios de violência à sua transformação em espetáculo. Uma delas nos parece paradigmática desta associação:

Para “dominar” o universo do Comando Vermelho, facção que comanda o crime organizado no Rio de Janeiro, não é preciso subir o morro. Basta ter um computador conectado à WEB e dar alguns cliques para que o internauta entre, ainda que virtualmente, no mundo do crime. Na tela aparecem fuzis, fotos dos morros e suas quadrilhas, reprodução de diálogos com juras de morte aos adversários e links com raps que elogiam traficantes. Há pelo menos 15 endereços desse tipo. Algumas páginas falam da ação dos bandidos e outras são dedicadas aos chamados bondes – grupos que se identificam com os traficantes e brigam com os integrantes de quadrilhas rivais.

No site das favelas de Maria da Graça, pode-se ouvir o *Rap da ronda*: “Alemão, a ronda vai passar por aí /Se botar a cara, tu vai cair/Não precisa nem gritar/O bonde vai te massacrar/ O Scooby vem aí de AK (fuzil AK 47).” (Revista *ISTOÉ*, 11/04/2001)

Esta violência em estado de presentificação, este *show* de urgência radical, permite que se experimentem as imagens da violência como materialidades, como acontecimento

⁴ Associada a constrangimentos físicos, morais, no uso da força, na coação, na violação da integridade física e psíquica.

⁵ Associada a produções imaginárias e com implicações em termos de práticas midiáticas.

virtualmente tangível. A violência vista é vivida como real, real credível, *aproximação* na *simulação*. Buscando precisar esta leitura, Gérard Imbert (1994) postula que a violência está hoje envolvida por esta estratégia de visibilização. O regime descrito por Imbert é aquele no qual a coação é substituída pela sedução, onde os aparelhos de Estado dão lugar aos aparelhos de representação (os *mass media*). Instaura-se, portanto, uma iconização do discurso social, uma "imagineria" composta por duas vertentes, a imagem e o imaginário: "a violência (...) se espetaculariza até o ponto em que se pode tornar difícil separar a violência real da violência representada" (Imbert, 1994:201).

Muito jovens, muito violentos: imaginários de terror e de desesperança

Contudo, a autonomização da violência mesclando-se à falta de perspectivas e à atuação da criminalidade organizada tem interferido de modo flagrante em discursos e comportamentos juvenis. Segundo o relato de Zaluar (1994), que depura, aos olhos do leitor, uma miríade de nuances da percepção e da prática da violência em um conjunto habitacional da periferia carioca⁶, os jovens, por motivos prosaicos, vêem-se diante de "uma engrenagem que eles não controlam":

a engrenagem das quadrilhas de traficantes de tóxicos e da polícia, que toma cada vez mais a feição de crime organizado. A razão inicial pode ser o roubo ou humilhação sofridos por um jovem a caminho do trabalho e que tem a desventura de topar com um bandido de outro território. Ou uma briga por causa de mulher (Zaluar, 1994:21-2).

Preocupando-se com o efeito devastador do crime organizado nas práticas sócio-corporais e na identidade destes jovens, Zaluar detecta, nas quadrilhas, uma poderosa função de socialização, cuja coesão e perenidade é garantida pelo "uso manifesto e constante da violência" (Zaluar, 1994:77). O caráter ordenador da violência revela-se, ainda, na sua constituição como base interpretativa dos agentes, "pensada em torno do poder advindo da posse ou uso da arma de fogo" (1994:76).

O "saber somático", concepção forjada pelo antropólogo francês Lóïc Wacquant (1996), pode ser transposta para a análise de possíveis implicações da linguagem da violência em termos da socialidade e sensibilidade juvenis. Afinal, como por sua vez lembra Laurette Wittner (1992), analisando a violência simbólica e física nas *banlieues* parisienses "a imagem da violência cola à pele", "ensinando aos jovens a linguagem que eles têm de utilizar para existir". A violência como modo de expressão, continua a autora, está de par com a midiaticização,

⁶ Em Cidade de Deus, zona oeste da cidade do Rio, cenário e referência de recente filme brasileiro conhecido internacionalmente. Nesse mesmo local, um cinegrafista amador registrou cena de violência policial, divulgada em redes de tevê em abril de 97, que provocou forte comoção social.

aparecendo, para membros de grupos excluídos, como uma das formas mais imediatas de obter atenção.

No caso brasileiro, a violência pode ainda se associar ao prazer e ao consumo, construindo, na interseção com o universo midiático e com aquele da criminalidade, a glória intensa e fugaz detectada pelo escritor Zuenir Ventura (1994), a busca e a utilização de signos de vitória e projeção. O fascínio da visibilidade e do reconhecimento — ancorado no estrelato midiático ou na força bruta da ação criminal — cria um inusitado *barômetro do sucesso*, material e simbólico: *ter e poder* (poder ter, poder fazer, poder falar, poder aparecer).

Das manifestações de agressão cega às práticas autodestrutivas, a violência multiplica sua face, ambíguo espelho identitário que referenda a ação. Não mais o reverso do controle, mas a eclosão anômala de sua própria condição de incerteza. O plástico filme da segurança máxima emperra nas engrenagens do projetor. E neste ponto ele queima. Mais do que uma banalização da violência, fenômenos ocorridos recentemente no Brasil ilustram como estratégias de autodefesa podem encampar um perverso "esporte" de agressão gratuita encampado por setores juvenis, com a flagrante ultrapassagem de fronteiras de classe.

O caso dos "beiseboys"⁷ é apenas um entre tantas das singulares manifestações da "autonomização" da violência na cultura jovem. Utilizando tacos de beisebol como "arma branca" na resolução de conflitos — de uma briga de trânsito até as desavenças estritamente pessoais —, todos os entrevistados são unânimes em justificar seu uso com o apelo à defesa pessoal.

Em documentários sobre o movimento *funk* na cidade do Rio de Janeiro, veiculados em princípio da década de 90, chama atenção a constante referência dos entrevistados à morte, pontuada pelo riso e pela afirmação de virilidade. Dos enfrentamentos simbólicos aos conflitos com seguranças, da provocação coreografada ao acerto de contas armado na saída dos bailes, a linguagem da violência está ali, engendrando um frágil destemor, signos distintivos adotados por uma massa de "ejetados" do fluxo urbano, que explode, aqui e ali, na forma de autodestruição. No êxtase da afirmação de potência individual, a ritualização alucinatória do corpo do "outro" e, igualmente, a desclassificação coletiva da vida.

O mesmo desejo de desafiar a morte, de testar ao extremo seus limites é partilhado por jovens de diferentes vinculações sociais: é a prática dos chamados *rachas*, forma selvagem, estilizada e empobrecida dos esportes radicais, das corridas de Fórmula 1. Em outros cantos da cidade, adolescentes moradores de condomínios fechados de alto padrão envolvem-se em acidentes

⁷ Documentado no caderno *Folhateen* do jornal *Folha de S. Paulo*, em 24 de julho de 1995.

de carro, em atropelamentos, colecionam acusações de vandalismo. Em um destes casos, garotos entre 13 e 17 anos foram acusados de espancar o faxineiro do condomínio quando este tentava tirar o *skate* de um deles, de uso proibido na garagem do prédio.

As fugas cinematográficas protagonizadas pelo jovem assaltante Leonardo Pareja⁸ também ilustram uma das lamentáveis faces do desejo de sucesso e perigo desfrutado em um intenso e contínuo presente, melhor ainda se propagado *ad infinitum* por registros midiáticos. A intensidade do vivido parece, em casos como este, superar a percepção da extensão e das conseqüências do delito.

Relatos de jovens de classe média envolvidos em ações criminosas tendem igualmente a retratar esta união entre banalização do delito e gosto pelo risco. Em um destes casos, o envolvido dizia ter participado de assaltos "por curiosidade", "para ver como era a sensação do perigo". Outro jovem, preso por participação em um assassinato, declarava ter matado por "bobeira". Um adolescente de 17 anos, filho de uma comerciante, afirmava ter passado a furtar "para poder me vestir melhor". Como dizia Pareja, diante do espelho narcíseo das câmeras de tevê, "roubava pelo gosto da emoção. E também porque queria ter dinheiro, não suportava ficar sem dinheiro para viajar, comer bem, ir ao cinema".

Não por acaso, as praias cariocas foram o palco escolhido para o aparecimento e qualificação midiática dos "arrastões", explosões juvenis de agregação forçada, inclusão marcada pela extrema rapidez de movimentação e pela efemeridade, com a ostentação de signos distintivos, de uma identidade cunhada na exclusão, de uma estética própria, invadindo um espaço consagrado ao relaxamento e ao ócio, explicitando que, muitas vezes e para muitos jovens, o limite entre prazer e risco, entre lazer e combate está se tornando por demais tênue.

A despeito da "criminalização" dos acontecimentos, foram pouquíssimos os roubos comprovados — se é que os houve. Astúcia inesperada, a multidão de jovens exibia-se intencionalmente para as câmeras e, mais ainda, através de um ritual de enfrentamento cujos códigos só eles compartilhavam. Exibiam um poder, um vigor, uma coreografia e uma música que, naquele momento, os telejornais desconheciam. Seu teatro caótico era incompreensível. O enfrentamento codificado e a disputa intergrupala e auto-destrutiva uniam-se, repentinamente, em um só corpo "desafiante". Unidos pela linguagem da velocidade, seguiam juntos na consecução de um desafio maior, da conquista de um alvo que, por vezes, parecia

⁸ Este jovem criminoso, articulado, bem-educado e de boa aparência, conquistou, em sua breve "carrreira", uma incrível notoriedade, manipulando com excelência seus aparecimentos na mídia. Após arremessar uma legião de fãs extra-muros, foi morto a tiros no interior do Cepaigo (Centro Penitenciário Agroindustrial de Goiás), em dezembro de 1996.

ser a própria velocidade, que lhes permitia avançar sobre o território "estrangeiro" — a praia e a tevê.

O *portrait* de um bárbaro a tempo parcial oferecido por um ex-membro de uma torcida organizada da cidade de São Paulo registra que, no início da década de 90, "as torcidas organizadas perderam qualquer limite para suas ações violentas, porque viram que a chance da impunidade é muito grande". Os "personagens" que dão vida a esta fala são garotos quase felizes com a destruição que promovem, quase despreocupados com as implicações de seus atos. São movidos por uma coragem absoluta que lhes é outorgada pelo pertencimento à torcida, pelo empunhar de sua bandeira, pelo entoar de seu hino, a camisa do time passando de símbolo integrador a escudo que lhes protege do medo.

Este lugar que não me pertence: percepção de si, percepção do outro

A identidade e a alteridade são, de fato, fortes componentes dos afetos juvenis desencadeados pela percepção e experimentação da violência. Na interpretação de Borelli, Rocha e Oliveira (2007), as narrativas de jovens moradores de zonas de contraste social da cidade de São Paulo⁹ expressam uma profunda ambigüidade no que diz respeito à classificação da violência em termos dos pólos “*vitimização juvenil/ação juvenil*”. Os jovens abordados, quando convocados a operar tal distinção, tendem a construir modelos explicativos referenciados em uma lógica randômica. Para aqueles que vivem em bairros periféricos, impera um *discurso fatalista*, como recurso angustiado de enfrentar a consciência da associação entre violência e falta de perspectivas existenciais, afetivas e de inserção social.

A pesquisa das autoras brasileiras revela ainda que muitos desses jovens habitantes da região metropolitana, *agregando determinismo e acaso*, lançaram-se em percepções paradoxais, nas quais, apesar da insistência na possibilidade de ação ou reação juvenil, constata-se que nem sempre se mata ou se morre porque efetivamente se deseja, como nem sempre se pratica ou se sofre violência por opção. É ainda bastante comum a experimentação de situações em que *a prática da violência inicia-se “por acaso”*, seja como consequência de “acertos de conta” banais, seja como desdobramento de brincadeiras ou enfrentamentos intergrupais. Referindo-se à *violência criminal*, lógica semelhante – mesclando randomismo e acaso – aparece regularmente nas narrativas, em especial nos jovens da zona sul da cidade, embora, supostamente, ali se encontre, em termos estatísticos, a maior possibilidade de vitimização.

A experimentação da violência e seus impactos na percepção de si e do outro compõem afetos intensos, sendo recorrente para estes jovens a consciência de que a violência, sem sobra de

⁹ Os relatos foram levantados na pesquisa “Jovens Urbanos” (Borelli, Oliveira e Rocha, 2007) através de etnografia, questionários e entrevistas em profundidade.

dúvida, pode funcionar como espelho identitário e a criminalidade vincular-se diretamente à *tentativa de garantir o consumo de bens simbólicos*. A “mão que embala o berço” será aquela que, posteriormente, aniquilará o bebê. Se, de início, a figura de criminosos do bairro aparece em regiões de forte exclusão social como referência valorada positivamente, o envolvimento de um jovem com o mundo da criminalidade é invariavelmente apresentado como a entrada em um caminho sem retorno que, por sua vez, reconduz à desagregação.

Agregando diferentes segmentos sociais, o universo do álcool e de drogas ilegais inscreve-se no imaginário e demarca boa parte do cotidiano dos entrevistados. Experiências como estas são associadas a uma “ausência de controle” e à entrada em um campo cíclico, labiríntico, no qual se perde autonomia e provoca-se o sofrimento alheio, ainda que de forma involuntária. Isto não impede, contudo, a forte presença destas práticas, em inúmeros momentos do dia e em praticamente todos os locais de encontro juvenil observados.

Justificando esta inserção, as explicações sociais convivem com a identificação de fatores culturais e psicológicos mais sutis, muitos deles indiretamente relacionados à lógica consumista e à sociedade da comunicação, marcadas pelo excesso, pela urgência do viver o “aqui e agora” e pela busca desenfreada de reconhecimento, visibilidade e de um prazer amplo e imediato.

Inseridos, muitas vezes em condição de protagonismo, na cultura da visualização e da transparência, boa parte dos jovens urbanos de metrópoles brasileiras rejeitam incisivamente traços comportamentais que lhes pareçam validar preceitos moralistas e tendem a enquadrar na pecha “hipocrisia” um sem número de posturas, falas e atitudes. A defesa das posições assumidas por aqueles que identificam como amigos, “manos” ou “chapas” dá margem à criação de um manual simbólico de regras de conduta aceitáveis, criadas endogenamente, sem a concorrência de padrões externos de crítica. Aqui, a “cultura da rua” parece se tornar um parâmetro possível de engendramento de um potente *locus* identitário.

Obviamente, a violência não é o único fator de coesão nas cidades brasileiras. Também o podem ser a diversão, o lazer, as relações de amizade, o desejo de encontro, as ações culturais, entre tantos outros. Para além do assujeitamento e da afirmação de subjetividades desviantes, outras ações capitaneadas por significativos segmentos juvenis brasileiros evidenciam posturas contestadoras e propositivas de enfrentamento e recusa da inserção ou reiteração do ciclo da violência.

A linguagem da violência é ressignificada, como verdadeiro laboratório simbólico de uma *poiesis* das reminiscências. Rappers brasileiros, como os integrantes do "Câmbio Negro", do "Pavilhão 9", incorporam, em suas canções, o duplo movimento de retomar a palavra e, no

campo da cultura, de se "descolar" da engrenagem da violência como ato social, ao menos no que toca a uma participação ativa nesta ação. Aqui, o descolamento não equivale a uma negação da violência vivida, sequer da violência vista. Representada (musicalmente, imageticamente), ela não é esquecida: é rememorada, mas, igualmente, abstraída. Estetizada, comunica-se como choque, mas, igualmente, dá-se a ver. E, àqueles que a produzem, possibilita uma interessante inversão da sedução voyeurística do “ver-se sendo visto”.

Por esta via poética que não elimina a estética do choque, identifica-se uma *perlaboração* produtiva da violência real, um revisitar e uma reelaboração de sítios simbólicos e memoriográficos marcados pela obliteração social traumática. Exemplo sugestivo de tal situação vem do grupo paulistano de rap “Racionais MC’s”. Em um de seus discos mais populares e cultuados, “Sobrevivendo no Inferno”, compõem uma música — “Diário de um Detento” — e, posteriormente, produzem um videoclipe, baseados nos fragmentos do diário de um dos sobreviventes do maior massacre de presidiários ocorrido no Brasil. As reminiscências de um circo de horror vira hit nacional. E, assim, o esquecido, o imageticamente, simbolicamente ocultado, se reinscreve no imaginário ou, mais ainda, na *imagerie*¹⁰ de vários setores do país.

Ratificando desde outra perspectiva esta intenção inclusiva, o DJ Tralha é assim retratado em matéria de um *site* carioca:

Há cerca de seis meses, o DJ Tralha decidiu abrir espaço nas boates de fora da Cidade de Deus, na Zona Oeste carioca. E investiu pesado em versões suaves do funk. Em vez dos *proibições* que fazem sucesso nas comunidades, criou letras falando de paz e amor. Deu tão certo que ele agora toca direto em casas noturnas da endinheirada Barra da Tijuca. Já não há brecha na agenda para aceitar convites para tocar em bailes em favela. (www.vivafavela.com.br).

Na pertinente argumentação de Simone Sá (2008), localizam-se, nas diferentes “entonações” do funk carioca, não apenas a celebração da violência, o reforço a uma demonização da mídia ou a percepção da classe média como a personificação do inimigo. Atuando significativamente na composição desta cena musical e de seus aportes simbólicos, encontram-se elementos inclusivos e pacificadores. Segundo as postulações de Sá (2008),

Inúmeras são as músicas que parecem retomar o espaço das favelas e periferias, de maneira pacífica e harmoniosa, rejeitando o imaginário de violência associado a este território junto à população do Rio de Janeiro e do Brasil e construindo um discurso “consciente”, que prega a paz e valoriza e se orgulha da própria comunidade – em músicas com títulos tais como *Rap da Cidade de Deus* de Cidinho e Doca, (que obviamente refere-se ao bairro/favela da cidade com este nome); o *Endereço dos bailes*, de Junior e Leonardo (que enumera as belezas da cidade e

¹⁰ Compreendida tanto como imaginário composto de representações imagéticas, quanto como o próprio estoque imagético, a coleção de imagens, de representações ou, indo mais além, como conjunto de simulações que atestam rupturas com o referente.

emenda com a lista dos bailes cariocas), o *Rap das Galeras*, de Manão e Neguinho (que bate o recorde do gênero, listando 66 comunidades); o *Rap do Abc*, também de Junior e Leonardo, entre tantos outros. (Sá, 2008).

Mídia, fabricação cultural e percepção de si

Para compreender a complexidade dos jovens contemporâneos, é necessário pensar a cultura midiática como essencial na formação de suas subjetividades. A cultura, entendida como corpo complexo de normas, símbolos, imagens constitutivas da subjetividade (Morin, 1986), se expressa também por meio dos comportamentos dos indivíduos. Trata-se, talvez por isso, de se falar sempre em termos de cultura(s) juvenis e, mais ainda, de apropriações juvenis das culturas (midiáticas, do consumo, da violência). Segundo Canevacci,

o conceito de cultura como algo global e unificado, complexo e identitário, que elabora leis universais, dissolveu-se seja debaixo dos golpes da nova antropologia crítica, seja, ainda antes, pela difusão dos fragmentos parciais que não aspiram mais a ser unificados, mas que reivindicam, vivem e praticam parcialidades extremas, irreduzíveis diferenças (2005: 18).

Os jovens constituem uma parte essencial dessa cultura fragmentada, parcelada. Sua participação se define pelo consumo simbólico como fabricação de sentidos atravessados por fluxos vinculados à economia, à política e ao imaginário. Isso cria também novas sensibilidades plurais e nomadismos que refletem as determinações da vida urbana e os arcaísmos do *anthropos*, do homem universal cuja linguagem é áudio-visual, formando jovens ambivalentes e complexos. Ao invés de universos juvenis, há “pluriversos” (Canevacci, 2005: 19). Abordar a juventude dessa maneira requer integrar diversos modos de pensar, incluindo as aparentes contradições internas, as desordens e antagonismos, que se tornam complementares.

A juventude e a juvenilização da cultura de massas (Morin, 1986), expressa nos meios da comunicação social, representa jovens que consomem material e simbolicamente, fabricam e são fabricados por imagens que sugerem formas de viver e agir. Jovens estão em revistas, jornais, programas de televisão, propagandas e *outdoors*, seus corpos vendem tudo, e isso acaba por lhes conferir uma corporeidade singular, expressa através da produção e do consumo simbólico. “Escola, mídia e metrópole constituem os três eixos que suportam a constituição moderna do jovem como categoria social” (Canevacci, 2005: 23). Categoria social essa que é formadora de corpos tanto físicos quanto imaginários, tão concretos quanto simbólicos, transformados em imagens da percepção ou da não percepção dos jovens de si mesmos.

Investigar a cultura juvenil exige referenciais teóricos e metodológicos complexos. Segundo o princípio hologramático, que admite as partes no todo e o todo nas partes, a cultura juvenil reflete e extrapola as expressões culturais contemporâneas. Há expressões universais e

simultaneamente singulares em jovens das culturas mais diversas. Cada jovem é um complexo bioantropológico e biosociocultural, parte que expressa o todo que o contém e que, por sua vez, expressa essa parte, o que exige um aparato conceitual condizente. Assim,

o método da complexidade pede para pensarmos nos conceitos, sem nunca dá-los por concluídos, para quebrarmos as esferas fechadas, para restabelecemos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade (MORIN, 2005: 192).

Não se fala, portanto, em jovem ou juventude, mas, sim, em jovens e juventudes. Tendo isso como pressupostos metodológicos e analíticos, é possível perceber que ser jovem em Natal reproduz um ser jovem no Nordeste, embora o natalense seja também um jovem singular que, antes de tudo, exerce o consumo simbólico mantendo os laços afetivos e sociais bem atados. Esta é uma das conclusões apontadas pela aplicação de questionários semi-estruturados com 30 jovens natalenses da amostra aleatória que compõe o recorte empírico da pesquisa “Imagens de presença e de ausência: sentidos midiáticos da subjetividade juvenil”.

A pesquisa “Imagens de presença e de ausência: sentidos midiáticos da subjetividade juvenil”¹¹ busca estabelecer relações entre consumo cultural e constituição da subjetividade de jovens de 15 a 24 anos em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Expressões dessa subjetividade nas descrições do cotidiano, do estilo de apresentação visual e das preferências de lazer indicam que a imagem dos pais, o consumo simbólico, a mídia eletrônica e a Internet são referências importantes na adoção de comportamentos partilhados. Estes, descritos, observados ou representados pela mídia permitem perceber traços ao mesmo tempo singulares e universais de uma cultura juvenil complexa e ambivalente por natureza, e também definidora de percepções de si por parte dos jovens que a compartilham.

A sondagem realizada por meio dos questionários constitui o principal fundamento das reflexões que se seguem, embora outras fontes de informação ainda estejam sendo tratadas¹². A pesquisa também é composta de um dossiê com reportagens, fotografias e notas em colunas dos dois principais jornais diários em circulação na cidade¹³, coletadas durante dois meses (fevereiro e março de 2007). É constituída, ainda, por de um banco de imagem de jovens como resultado da observação etnográfica em locais de fluxo juvenil, realizada em março de 2007, e por uma amostra de revistas de circulação nacional destinadas ao público juvenil.

¹¹ Coleta e análise de dados realizada de julho de 2006 a julho de 2007, com interpretações em andamento. Financiamento local pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista PIBIC/Propeg: Thiago Tavares das Neves; estudantes participantes: Priscila Adélia Pontes e Ana Carmem do Nascimento. A coleta de dados contou também com a colaboração de Patrícia Góes Britto e Carlos Nathan Sousa.

¹² A sistematização dos dados deste texto contou com a colaboração de Thiago Tavares das Neves, Ana Carmem do Nascimento e Priscila Adélia Pontes.

¹³ Diário de Natal e Tribuna do Norte.

Com os questionários, foram apresentadas aos jovens indagações sobre percepção da juventude, moratória social, violência, cotidiano e consumo cultural. Dessas questões, estão destacados neste texto os seguintes aspectos: atividades cotidianas mais frequentes, estudo, trabalho e lazer; consumo de TV, livros, jornais, revistas, gibis, música, Internet, *videogame*; estilo, roupas, interferências corporais, ídolos e influências sobre o comportamento.

Os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários indicam que os jovens entrevistados dão grande importância à convivência, mas consomem largamente programas de TV e jogos eletrônicos, além de se espelharem, sem reconhecer o fato, em estilos de apresentação visual caracterizadamente difundidos pela mídia. Entre os entrevistados, que foram selecionados nos locais de fluxo¹⁴, poucos trabalham na faixa etária compreendida entre 15 e 24 anos, o que reforça a reflexão de Canevacci sobre o papel central que o consumo adquire na faixa juvenil, depois ampliado para toda a sociedade. Essa disseminação geral do consumo produz e resulta em uma mídia-cultura, expressa e veiculada pelos meios da comunicação social. Nela, “o jovem consome – o adulto produz” (Canevacci, 2005: 23).

Mesmo com muito do seu comportamento definidos pelo consumo, a maioria dos entrevistados têm no pai o principal ídolo, sendo Jesus a segunda referência mais citada. Também tiveram destaque cantores e bandas de forró, *pop rock*, *axé music* e MPB. Alguns jovens afirmaram que professores e atletas são seus ídolos. O lazer diário é preferencialmente fruído em casa, e a maior parte das atividades citadas nesse grupo corresponde a ouvir música pelo rádio ou em CD. Outra atividade cotidiana de entretenimento é assistir televisão, e a metade dos entrevistados joga *videogame*. Ainda que 63% dos jovens afirmem ler livros, revistas e jornais, 73% não citaram um nome sequer de gibi, o que revela um comportamento divergente em relação ao senso comum sobre o consumo cultural em capitais, onde a leitura de gibis é vista como típica das culturas juvenis.

Demonstrando a importância da escola como eixo da experiência juvenil associado às relações interpessoais, 90% dos estudantes entrevistados informaram gostar de ir ao colégio ou à universidade pelo fato de poder conversar com os amigos e/ou conhecer pessoas novas. O estudo não é prioridade fora do horário escolar. Entre os que trabalham – apenas cinco do universo de 30 entrevistados de diferentes níveis de poder aquisitivo e origem social – conversar e se relacionar com os outros continua sendo o principal motivo de apreço. As três atividades de diversão mais citadas foram, respectivamente: sair com amigos, ouvir música e

¹⁴ Os questionários foram aplicados com jovens universitários de instituições públicas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte), e de empresas privadas (Universidade Potiguar e Facex), e com estudantes secundaristas na Praça Cívica, no centro da cidade, e no *shopping center* Midway Mall.

ir à festas/*shows*. 70% dos entrevistados costumam fazer atividades de lazer e diversão com as famílias, sendo almoço e/ou jantar as mais frequentes. Conversar é a atividade preferida quando estão com amigos, e isso se repete inclusive de forma mediada: 83% dos jovens passam o tempo em que estão em casa navegando pela Internet, o que envolve conversas com outros por meio de *chats on line*.

Como em outras cidades brasileiras de médio ou grande porte, em Natal os estilos de vestir são difundidos pelas mídias nacionais e locais, organizando os jovens em “tribos urbanas” (Maffesoli, 2000). Na capital potiguar, existe uma adaptação do vestuário ao clima, como jovens usando mais decotes, camisetas regata, bermudas e sandálias havaianas – *hit* dos *hits*. Alguns elementos, entretanto, são universais, como o preto, que é bastante usado por metaleiros, *punks* e roqueiros. A observação etnográfica realizada durante a pesquisa mostrou que há, entre os jovens entrevistados, uma relativa padronização do vestuário, adereços e estilos de cabelos. Os jovens que freqüentam locais mais caros de fluxo juvenil apresentam um visual com muitas *griffes*, saltos altos, calças *jeans* e *tops* para mulheres; *jeans*, camisetas caras e cabelos curtos para os homens. O estilo rastafári ou roqueiro apareceu em casas noturnas alternativas; nos bairros mais populares, o estilo *funk* era predominante. No entanto, a maioria dos jovens entrevistados afirma identificação com os estilos moderno, esportivo e executivo. Quase metade dos entrevistados não se sente influenciada em relação ao modo de vestir, mas a mesma quantidade se identifica com estilos que são consagrados pela mídia. As modificações corporais também aparecem entre os entrevistados: nove deles já fizeram alguma alteração no corpo, como pintura de cabelo e o uso de brinco ou *piercing*. 40% dos entrevistados gostariam de ter duas ou mais interferências corporais.

A beleza não foi considerada fundamental pela maioria dos entrevistados, o que representa uma disparidade entre a percepção de si e dos outros jovens e a imagem deles apresentada pela mídia¹⁵. Os jornais *Tribuna do Norte* e *Diário de Natal*, assim como as revistas e suplemento jornalístico de circulação nacional analisados como mostra comparativa¹⁶, tendem a apresentá-los em duas categorias distintas: de um lado, estão os jovens de maior poder aquisitivo, apresentados como belos, bem-sucedidos e felizes; de outro, os jovens de baixo poder econômico, que são apresentados como violentos e perigosos para a sociedade. As primeiras imagens são encontradas em matérias de cultura, comportamento, esporte; as segundas, no noticiário sobre problemas urbanos e acontecimentos policiais.

¹⁵ Conforme análise do *clipping* feito com os jornais diários em circulação na cidade.

¹⁶ As revistas *Trip* (nº 153), *TPM* (nº 63), *Atrevida* (nº 149), *Todateen* (nº 135 e 136), *Capricho* (ed. 912), *Caras* (ed. 694), *Isto é Gente* (ed. 390) e o suplemento *Folhateen* do jornal *Folha de S. Paulo* (de 12/02/07 e 18/03/07) foram analisados.

Bibliografia

- BORELLI, Silvia Helena Simões; ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo; OLIVEIRA, Rita Alves et alli. *Viver e morrer na metrópole. Jovens, experiências urbanas, nomadismos*. 2007 (livro no prelo).
- CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro. Editora: DP&A. 2005.
- IMBERT, Gerard. "Representación de la violencia/violencia de la representación en el tratamiento del tema de la droga". *Comunicação & Política*, v. 1, nº 2 ("Mídia, drogas e criminalidade"). Rio de Janeiro, Ed. Cebela, dezembro 1994/março 1995, pp. 201-206.
- LYOTARD, Jean-François (1993). *Moralidades pós-modernas*. Campinas, Papirus, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2000.
- MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 8ª edição, 2005.
- _____. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - Neurose*. Vol. I. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.
- ROCHA, Rosamaria Luiza (Rose) de Melo. *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. Tese de doutoramento. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1998.
- SÁ, Simone Pereira. "Som de preto, de proibidão e tchuchucas: o Rio de Janeiro nas pistas do funk carioca". 2008. (capítulo em livro, no prelo).
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- WACQUANT, Löic. "Violence, corps et science: Remarques transatlantiques" (entrevista). *Présentaine*, nº 5 ("Philosophie et postmodernité"), maio de 1996, pp. 211-221.
- WITTNER, Laurette. "De l'image de violence à la violence de l'image". *Les Annales de la Recherche Urbaine*, nº 54 ("Violence dans les villes"). Paris, Ministère de l'Équipement, du Logement et des Transports, março de 1992, pp. 53-59.
- ZALUAR, Alba. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro, Revan/Ed. UFRJ, 1994.